

**Dançando para viver: pedagogia social e a aprendizagem da prostituta no strip-tease**

Dancing to live: social pedagogy e prostitute learning in striptease

Rodrigo Bravin<sup>1</sup>Hiran Pinel<sup>2</sup>Herberth Gomes Ferreira<sup>3</sup>

Quem descerrar a cortina

Da vida da bailarina

Há de ver (...)

Que ela é forçada a enganar

Não vivendo pra dançar

Mas dançando pra viver

[Américo Seixas, Chocolate/Dorival Silva <sup>4</sup>].

Quanto é seu preço, quanto quer? Estou na vida, ele é.  
Dinheiro compra o que quiser: amante, amigo, homem ou  
mulher. Olha bem, me ouça com toda atenção, me diga quanto  
custa, amor, o seu coração? [César Costa Filho <sup>5</sup>]

Eu vou tirar você desse lugar [Odair José <sup>6</sup>]**Resumo**

O objetivo deste texto é descrever compreensivamente a aprendizagem de uma garota de programa na prática do pole dance e sua relação com a pedagogia social. Trata-se de uma pesquisa fenomenológica (FORGHIERI, 2014) e etnográfica (GIL, 2010) por possibilitar um “mergulho / envolvimento” no cotidiano e subjetividade do espaço pesquisado. A produção de dados aconteceu a partir da observação participante por favorecer o contato direto com os acontecimentos objetivos e subjetivos sem excessiva intermediação. Desvelar o processo de ensino e aprendizagem do *pole dance* significa adentrar

<sup>1</sup> Cientista Social, Pedagogo, Mestre em Educação e Doutorando em Educação Pela UFES. Professor de Sociologia da Rede Estadual do Espírito Santo. E-mail: rodrigobravin@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGÉ; Centro de Educação - CE e Coordenador do Grufei - Grupo de Fenomenologia, Educação (Especial) e Inclusão. E-mail: hiranpinel@gmail.com

<sup>3</sup> Licenciado em Filosofia, Mestre em Ciências da Religião e Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGÉ UFES. E-mail: herberthgf@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Texto poético tal qual Elis Regina, pois no original com Ângela Maria, o texto é maior.

<sup>5</sup> “Seu preço” foi a música abertura da telenovela “O Preço de um Homem” produzida e exibida pela extinta Rede Tupi, de 15 de novembro de 1971 a 1 de julho de 1972 às 20 horas; direção de Henrique Martins.

<sup>6</sup> O cantor e compositor Odair José propõe retirar uma prostituta “desse lugar” e levá-la com ele, e não importando mesmo o que a comunidade possa dizer. Um texto moralizador, e de muito sucesso popular.

ao mundo da prostituta, uma profissional aberta às diferenças variadas de clientela, marcadas não apenas pela violência, mas pela solidariedade, amizade – entre elas. Ao mesmo tempo, a dança a faz corpo de dançarina e atriz, profissões não marginalizadas pela contemporaneidade, pontuando possibilidades ou mesmo de resistir contra a hegemonia que, em muitos momentos, as inferioriza.

**Palavras-chave:** Pedagogia social. Aprendizagem. Resistência.

### **Abstract**

The purpose of this text is to describe comprehensively the learning of a program girl in the practice of pole dance and its relationship with social pedagogy. It is a phenomenological research (FORGHIERI, 2001) and ethnographic (GIL, 2010) for enabling a "dive / involvement" in the daily life and subjectivity of the researched space. The production of data happened from the participant observation by favoring the direct contact with the objective and subjective events without excessive intermediation. Unveiling the teaching and learning process of pole dance means entering the world of the prostitute, a professional open to varied differences of clientele, marked not only by violence, but by solidarity, friendship - among them. At the same time, dance makes her a dancer and an actress, professions not marginalized by contemporaneity, punctuating possibilities or even resisting the hegemony that, in many moments, inferiorizes them.

**Keywords:** Social pedagogy. Learning. Resistance.

### **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo descrever compreensivamente a aprendizagem de uma garota de programa na prática do pole dance e sua relação com a pedagogia social a partir de uma perspectiva fenomenológica e etnográfica.

A palavra gênero poder ser entendida como conceito que congrega dentro de si representações culturais que são construídas a partir das diferenças biológicas entre os sexos. Por isso, ajuda a entender relações de poder que podem determinar e reforçar as diferenças entre ser homem ou ser mulher numa sociedade.

As distinções entre os sexos não são naturais, embora a biologia a medicina e a religião tenham, historicamente, fundamentado seus discursos, quase sempre, analisando o corpo da mulher a partir de diferenças físicas e da moral, naturalizando a submissão feminina.

A forma como as mulheres são tratadas pode, em muitas situações, mostrar a divisão entre sexos nos espaços públicos e privados. Mulher de família é tida como aquela que cuida do lar, dos filhos etc. Já mulher de rua é uma produção discursiva usada para desqualificar alguém que julgamos a partir de nossos valores.

Como uma construção social, a ideia de gênero não se apresenta de forma única em todas as sociedades. No Brasil, assistimos até os dias atuais a defesa intransigente de vários seguimentos da sociedade do modelo de família patriarcal, na qual o homem ocupa o posto de “cabeça” do lar, tendo a responsabilidade pelo sustento da família e à mulher é destinado o ambiente doméstico com todas as suas responsabilidades, especialmente a de procriar.

No processo de socialização das crianças, fundamentado no patriarcado, são ensinadas formas de andar, falar, sentar, amar, dançar, cuidar, etc., que vão sendo apreendidas desde a infância e reforçadas por instituições sociais durante toda a vida, estabelecendo hierarquias que valorizam trabalhos e comportamentos considerados masculinos e, ao mesmo tempo, representam a mulher como frágil, dependente e alguém cuja missão é a maternidade (SEMPREVIVA, 2013; SWAIN, 2004).

Nesse contexto, de demarcações de papéis sociais para meninos e meninas, se inserem as garotas de programa, que produzem resistências, mas cujos corpos são transformados em mercadoria que pode ser comprada e/ou acessada por homens que se tornam caçadores em busca de satisfação sexual.

No Brasil, por exemplo, a história é contada, em muitos momentos, sob a ótica dos portugueses homens e as mulheres indígenas e negras são lembradas em novelas como oferecidas e hipersexualizadas.

### **Caminhos Metodológicos**

*Tipo de pesquisa:* A pesquisa etnográfica tem origem na antropologia e contribui para compreensão e descrição das características de uma cultura particular no que tange aos valores, crenças, costumes, sentidos, etc. É um método privilegiado por possibilitar o estudo de grupos em seu próprio local

de existência, oferecendo ao pesquisador a oportunidade de compreendê-los sob uma perspectiva mais global (GIL, 2010).

Já a fenomenologia, associada à etnografia, advoga o “envolvimento existencial” com o fenômeno estudado, e a partir dele, indissociado, desvelar uma atitude de “distanciamento reflexivo”, descrevendo (e analisando) experiências de ser do outro como parte de mim e dos outros no mundo (FORGHIERI, 2014). Em Cefai (2010) encontramos uma pesquisa que se identifica como esta que estamos a propor, “uma etnografia fenomenológica [grifo nosso] das experiências” (p. 71) do outro (prostituta) como parte da “gente mesma” dentro de uma cultura que se desvela nos “modos de ser sendo junto ao outro no mundo (PINEL, 2005, p. 98)”.

A etnografia, aqui-agora proposta, é etnográfica fenomenológica, pois se apoia nas descrições daquilo que aparece ao olhar de sentido (sentido) dos pesquisadores, a partir de seus indissociamentos com os as pessoas que colaboram com a pesquisa (na cultura).

O desejo de experienciar a dinâmica de uma boate de *striptease* surgiu a partir de uma atividade avaliativa na disciplina Estágio em Pesquisa I do curso de mestrado em Educação que motivou a produção de um estudo por Bravin (2014) focado na produção do corpo feminino numa boate de *striptease* de Vitória – ES, a partir do método etnográfico. Essa pesquisa foi, aqui-agora, totalmente revista, modificada e ampliada.

*Instituição:* escolhemos intencionalmente uma boate de nome francês por estar entre a mais sofisticada e complexamente, a mais simples do município de Vitória - ES. Ela é descrita nos resultados e discussão.

*Questões do estudo:* 1) O que e como é o ensino-aprendizagem da prostituta no *striptease* do tipo *pole dance*? 2) Como a Pedagogia Social pode comprometer-se - junto às prostitutas - em desenvolver uma educação libertadora (e não moralizadora)?

Diante dessas duas questões nos propomos descrever e analisar o entorno e a própria boate, mas então adentrar-nos à prostituta e o ensino-aprendizagem da dança e a partir desses dados, “pensar” (produção discursiva) como a Pedagogia Social não moralizante poderia ali adentrar.

*Pessoas da pesquisa:* descritas na pesquisa; uma prostituta foi nosso fenômeno – que denominamos a Depoente, e outras prostitutas falaram de modo solto e livre naquele clima, compondo a personagem dela – todas em uma só. Para compreender ao entorno dela, conversamos com outras moças e clientes, e pessoas da comunidade que sobrevivem e ou vivem com esse negócio da michetagem<sup>7</sup>. As prostitutas, algumas delas, desvelaram uma característica que está ampliando: “sou procurada por lésbicas e até por homossexuais, mas sem dúvida, a maior clientela são os homens heterossexuais”. Isso ocorre com prostitutos viris que dizem prostituir com mulheres, mas cuja clientela maior são os homossexuais (PINEL, 2004).

*Procedimentos:* efetuamos alguns estudos de revisão de literatura; escolhemos uma boate; adentramos por 10 noites à referida organização com a proposta de nos envolver existencialmente e nos distanciarmos reflexivamente dela, escutando falas de uma prostituta, de clientes e de outras prostitutas, mas sem focarmos nela (em apenas um caso), produzimos uma análise do conteúdo dos discursos vivenciados numa procura compreensiva do ensino-aprendizagem da pole dance e para levantarmos uma Pedagogia Social diferenciada que atenda suas demandas, que no caso desse estudo, se configuram em subjetivação.

*Instrumentos de pesquisa:* Diário de Campo transcrito de memória, logo após o vivenciado. Também realizamos conversas informais com alguns sujeitos, e fizemos um estudo mais aprofundado a partir da produção discursiva efetuada na boate e durante o trabalho.

*Ética na pesquisa:* Foi falado para todos com os quais conversamos que se tratava de uma pesquisa acadêmica, e participar ou não dependeria deles. Algumas pessoas disseram não a essa proposta, a prostituta foco foi a única que perguntou, ao seu modo, o objetivo do trabalho. Explicitamos que iríamos atuar como pesquisadores e ao mesmo tempo como clientes (apenas no contrato de dança), até porque estudos como os de Perlongher (1986; 1987),

---

<sup>7</sup> Michê tem vários sentidos, destacamos aqui o sentido de *mixaria* (preço baixo); fazer sexo por preço aviltante por ser baixo. Tem o sentido de micha, um conjunto de chaves que abre um segredo – e o segredo aqui é o desejo do outro. A prostituta faz michê, e o cliente também o faz: se nivelam então.

tem indicado que esse proceder é o melhor caminho inclusive, no nosso caso, para as moças que produzem seu discurso oral do vivido, mas ao mesmo tempo recebam pagamento pelo serviço utilizado, no nosso caso, a dança.

*Análise dos dados:* recorreremos à literatura científica citada, bem como a textos artísticos e literários, e aqui destacamos Fellini (1957) e Galeano (1994).

A seguir recorreremos aos discursos teóricos – na maioria das vezes – para produzir no leitor a compreensão do mundo da prostituta que o faz por meio da *pole dance*, mesmo que não seja apenas isso.

### **Relações entre a Casa e a Rua**

O antropólogo Roberto DaMatta (1986, 1997) tenta explicar a realidade brasileira a partir das categorias “casa” e “rua”, considerando que são opostas, mas se complementam. Assim, a casa seria um espaço familiar, de valores morais e onde as coisas acontecem, ainda que com algum enfrentamento, de forma tranquila e pacífica. Na casa se tem nome, parentes, afinidade, consanguinidade e comunhão de gostos parecidos.

De fato, na casa ou em casa, somos membros de uma família e de um grupo fechado com fronteiras e limites bem definidos. Seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue e, conseqüentemente, as mesmas tendências [...] (DAMATTA, 1986, p. 24).

Pensar o espaço casa não se resume apenas a um local de moradia, alimentação ou proteção, mas a um ambiente “[...] totalizado por uma forte moral. Uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas [...]” (DAMATTA, 1986, p. 24). O clima de afetamento marca o sentido dado ao lar, à moradia:

[...] o homem deseja sair pelo mundo (junto ao outro), aventurar-se e aprontar em cidades, lugarejos, megalópoles, ruas, ruelas, mas sabendo/sentindo que existe um lugar-tempo pra ‘chamar de seu’, e esse é o lar, a família – um pretenso lugar do idealizado amor e paz – que de tanto lutar para ser, o é (PINEL, 2004, p. 65).

Quando falamos da casa,

[...] Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde os realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social. Assim, na casa, somos únicos e insubstituíveis. Temos um lugar singular numa teia de relações marcadas por muitas dimensões sociais importantes, como a divisão de sexo e idade. (DAMATTA, 1986, p. 25).

Ao mesmo tempo, ao referir-se à rua, DaMatta (1986) a desvela como o espaço em movimento, local do embate, da disputa, do trabalho. Um lugar onde se é desconhecido, anônimo e que se corre risco o tempo inteiro. Espaço que tememos pela surpresa que pode nos revelar.

Mas como é o espaço da rua? Bem, já sabemos que ela é local de “movimento”. Como um rio, a rua se move sempre num fluxo de pessoas indiferenciadas e desconhecidas que nós chamamos de “povo e massa” [...] De fato, falamos da “rua” com um lugar de “luta”, de “batalha”, espaço cuja crueldade se dá no fato de contrariar frontalmente todas as nossas vontades [...] (DAMATTA, 1986, p. 29).

Em casa é, em muitas situações, reproduzido pelos mais velhos um discurso conservador, com a defesa de valores morais tradicionais que a tornam um espaço “decente”. Ao mesmo tempo, a rua complementa o espaço da casa oferecendo tudo que esta negou como trabalho e sexo.

Os papéis familiares de casa, pensados e defendidos historicamente pelos tradicionais e pela religião são hierarquicamente definidos: pai provedor e cabeça do lar, que vive no limiar entre casa e rua, mãe cuidadora da casa e dos filhos e por último a prole que se sujeita aos dois primeiros. Na rua o relógio dita o tempo e a realidade se constrói a partir dos eventos que ocorrem em sequência.

[...] Na rua, então, o tempo corre, voa e passa. Muito mais que no lar, onde ele está suspenso entre as relações prazerosas de todos com todos. Mas aqui, no negro do asfalto, no calor da caminhada para se chegar a algum lugar, no nervosismo do confronto com o policial imbuído de sua autoridade legal, que nos trata como coisas e como indivíduos sem nome nem face, o reino é sinônimo de luta e sangue [...] (DAMATTA, 1986, p. 29).

A prostituta de nosso estudo tem sua casa (família), vive com outra família (o grupo das colegas) e em espaço público de boates e "inferninhos". A rua é a aventura, o espaço de venda dos encantamentos.

### **Mulheres de casa e mulheres de rua**

Há grande diferença entre as relações homem/mulher que ocorrem dentro de casa e na rua. Mulher de casa é aquela pela qual se aprende a nutrir sentimento e com a qual se almeja namorar, noivar e casar. Ela é quem cuidará do lar, será a geradora dos filhos e contribuirá para a existência de uma moral singular que será respeitada pela sociedade em que vive. "[...] assim, a mulher que põe a disposição do grupo (da família) seus serviços domésticos, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva torna-se a fonte de virtude que, na sociedade brasileira, se define de modo pastoral e santificado [...]" (DAMATTA, 1986, p. 58).

A mulher da rua é entendida como aquela que serve para realizar fantasias e desejos. É estereotipada como ferosa, fonte de prazer e a matriz que realiza tudo aquilo muitas vezes, não é encontrado em casa. Enquadram-se nesse grupo as garotas de programa, as prostitutas e também aquelas mulheres independentes que buscam sexo sem vínculos afetivos. "[...] Assim, se a mulher é de rua ela deve ser vista e tratada de um modo. Trata-se, para ser mais preciso das chamadas mulheres da "vida", pois rua e vida formam uma equação importante no nosso sistema de valores [...]" (DAMATTA, 1986, p. 30).

Embora a defesa da "moral e os dos bons costumes" reprovasse o envolvimento com mulheres da rua, percebe-se ao longo da história que essa prática quase sempre existiu, pois com ela a sexualidade insubmissa acontecia sem constrangimento e ficaria escondida, podendo o homem retornar ao lar sem preocupação com sua imagem de pai e marido possuidor de moral ilibada.

### **Gênero e sexualidade**

Durante muito tempo as diferenças entre homens e mulheres foram explicadas apenas pela biologia. Nesses modelos de pensamento o corpo seria algo dado, determinado. Louro (2000) nos ajuda a entender que “[...] a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, processos profundamente culturais e plurais [...]” (p. 62).

Assim, pensar que todos vivem a sexualidade da mesma forma é ignorar que até o sentido que atribuímos aos corpos são pensados dentro de contextos culturais e históricos específicos e as tramas de poder que são estabelecidas em cada sociedade.

É então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidade sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamento sociais [...] (LOURO, 2000, p. 62,63).

Sabemos sem nenhuma dúvida que as mulheres são diferentes dos homens. O problema é que para definir as diferenças se utilizou quase sempre como parâmetro as distinções biológicas e o macho heterossexual como norma, justificando lugares específicos para cada um e condições de superioridade, submissão e caminhos estabelecidos para ambos.

Com o pretexto de proteger a maternidade as mulheres eram proibidas de praticar esportes. Assim,

[...] Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para as mulheres e para homens onde o espaço privado – o lar – passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer, na sua plenitude as virtudes consideradas como próprias de seu sexo tais como a paciência, intuição, a benevolência, entre outras. As explicações para tal localização advinham da biologia do corpo, representado como frágil, não pela tenacidade de seus músculos, pela sua maior ou menor capacidade respiratória ou, ainda, pela envergadura dos seus ossos, mas pelo discurso e pelas representações do corpo feminino que nesse momento operam (GOELLNER, 2003, p.33).

Quando nascem, as crianças vão aprendendo, a partir de instituições sociais como a religião, a família e até a escola, papéis sociais diferentes entre meninos e meninas que são ensinados como naturais. As meninas ganham de presente bonecas, vassouras, “panelinhas”. Os garotos recebem bolas de futebol, espadas, entre outros. Essa realidade, ainda que se mostre aparentemente inofensiva vai moldando gradualmente os locais onde homens e mulheres podem estar e as responsabilidades que deverão assumir.

Porém, Goellner (2003) ensina que o corpo é algo mutável, provisório e mutante. Pode sofrer diversas modificações, dependendo dos avanços tecnológicos de cada cultura e também das representações e códigos cada povo desenvolve, além dos discursos que são produzidos sobre ele.

### **Prostituição e sociedade**

Pensar a distribuição de poder e a hierarquização entre os gêneros nos faz chegar à seguinte questão: por que mulheres que historicamente são vistas como inferiores e incapazes podem oferecer seus corpos para proporcionar prazer sexual aos homens?

Uma das principais características da sociedade capitalista é seu foco na questão econômica. Tudo se compra ou vende. Até as relações sociais, de certa forma, perderam seu sentido e tornaram-se fonte de lucro.

[...] Existem muitos atores envolvidos nos sistemas de prostituição: clientes, empresários, cafetões e cafetinas, e até Estados. Isso significa que a prostituição não pode ser pensada só a partir de um comportamento individual, mas como uma instituição que está ancorada nas estruturas econômicas e nas mentalidades coletivas. Mas, neste sistema, há um sigilo sobre o papel dos homens, e sobre as prostitutas recai o peso da estigmatização, desprezo e confinamento (SEMPREVIVA, 2013, p. 02).

A prostituição existe desde os primórdios da sociedade, e em cada período adquiriu uma faceta particular. Evidentemente, com o capitalismo essa profissão se desenvolveu rapidamente, muito em virtude da defesa de

uma família perfeita e monogâmica e do exército de mão de obra faminta e desempregada.

Em muitos catálogos de turismo, além das cidades e paisagens que se pode conhecer, incluem-se no pacote belas mulheres, inclusive menores de idade para satisfazerem o apetite sexual de homens em busca de prazer sem compromisso.

A relação que a sociedade, e os homens de “bem” que utilizam os seus serviços, mantêm com as prostitutas é o ápice da fetichização no campo afetivo e sexual. A mulher prostituta desaparece completamente atrás da sua mercadoria (o serviço sexual) e é identificada com o seu corpo à venda. Na verdade a mercadoria que a prostituta oferece não é o seu corpo, mas sim o seu serviço sexual. O seu corpo é apenas um instrumento da sua atividade profissional. Isto fica claro, por exemplo, quando um cliente pede apenas “um sexo oral” (SUNG, 1991, p. 02).

Os compradores de programas não levam em consideração que por trás de um corpo que se usa existe uma pessoa. Na verdade imaginam apenas um produto que tem valor de uso e que perde sua humanidade para tornar-se prostituta por inteira (SUNG, 1991).

O desenvolvimento industrial e econômico impulsionou muitas pessoas a abandonarem a vida no campo e a migrarem para as grandes cidades em busca de melhores condições. Grandes contingentes populacionais começaram a se concentrar em pequenos espaços geográficos, demandando diversas condições para a sobrevivência como postos de trabalho para todos, o que não ocorreu.

Ao mesmo tempo, a religião teve um papel importante na criação de mitos e verdades inquestionáveis em relação à vida sexual de um casal. A esposa era a rainha do lar e seu prazer seria cuidar da casa e dos filhos. O marido trabalhador e mantenedor da casa buscaria atender seus mais íntimos desejos fora do ambiente familiar, conseguindo por meio do pagamento acesso irrestrito aos corpos das mulheres.

[...] A prostituição é uma prática acessível, ainda que mediante uma quantia de dinheiro. E é também regrada, porque não é uma prática natural nem espontânea, mas envolve uma série de normas conhecidas e respeitadas, desde a localização das mulheres até a negociação do preço para determinado “serviço”. Basta perguntar em um ponto de táxi ou em um hotel para saber um local na cidade onde encontrar prostituição (SEMPREVIVA, 2013, p. 02).

*Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 265-292, 2021*

A sociedade em geral ignora a condição em que vivem as garotas de programa e inverte a situação colocando-as como culpadas. Pior ainda, não reconhece a responsabilidade do estado que nega diversos direitos a esse público.

### **Prostitutas para clientes lésbicas**

O prostituto é um rapaz que, de modo geral, vende seus encantos para quaisquer clientes, mas sem dúvida os homossexuais (gays) são os mais interessados, compondo a maioria da clientela (ou usuários dos serviços). Já a prostituta em geral, também pode vender seus encantos para quaisquer clientes incluindo aí as lésbicas, mas sem dúvida os heterossexuais se mostram os mais interessados.

O amor de uma mulher por outra já se desvelou em diversos documentos. No primeiro código conhecido o de Hammurabi (1770 a. c.), aparece a "Salzikrum", uma personagem híbrida - uma "mulher-homem". Ela teria tido mais de uma esposa e direitos exclusivos da hereditariedade. "Salzikrum" tem um sentido de a "filha-macho", e como o eunuco. Em comunidades muito antigas e afastadas como na Albânia, Iugoslávia e Itália foram aceitas relações lésbicas, assim como na China também há relações descritas entre mulheres que intergesticulavam como marido e mulher, o que era definido com o termo *dui shi*.

Já o primeiro texto poético nessa esfera foi criado por uma mulher chamada Enheduanna, a filha do rei Sargão I da Acádia, e em 2300 a.c. ela criava canções em honra de Inanna, a Deusa do Amor e da Guerra, onde havia até termos indicando ser uma esposa da deusa.

Em 630-560 antes de Cristo surgem aqueles que são considerados alguns dos primeiros documentos de amor feminino, com Safo, uma poetisa grega que vivia na ilha de Lesbos. Os seus poemas sobre o amor sexual, amor emocional e platônico entre ela e outras mulheres e a sua propagação através dos séculos fizeram do termo "lesbianismo" sinônimo de homossexualidade feminina, ou como se prefere nomear gay feminina.

Não encontramos artigos científicos descrevendo e ou analisando prostituição de/para lésbicas ou prostitutas com o único fim de atender

*Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 265-292, 2021*

lésbicas – isso quando consultamos o *scielo* e sítio da Unicamp. Mas um estudo de Pinel (2005) constatou em São Paulo, que entre as garotas de programa, não havia restrições de negociar um programa com mulheres, desvelando uma prostituta aberta às múltiplas possibilidades de ser (sendo) junto ao outro no mundo. Havia essa abertura, desde que, obviamente se pagasse pelo trabalho. Diz uma prostituta nesse estudo (dedicado à prostituição masculina): *“Não é comum, mas já me apareceu uma mulher me querendo, e pagando bem... Pensei, por que não? Fui e gostei, não achei aviltante como muitas diziam. É um corpo semelhante e é fácil abordá-lo com delicadeza. Mas confesso que gosto de homem, e sair com ele é minha melhor pedida. Tem umas aqui que preferem até mulheres, mas eu só tive essa experiência”*.

No ano de 2010 a Escola de Samba da Mangueira criou para a Rainha de Bateria uma dramatização de um caso de uma prostituta lésbica. Em um sítio de perguntas consta uma interrogação: Existem ‘prostitutas lésbicas’? Uma resposta se mostrou provocativa: *“Com certeza existem! Mas, para falar a verdade, elas topam tudo, pois o que realmente querem é o dinheiro. É o trabalho delas. Não podem se dar ao luxo de ficar escolhendo os clientes...”* (WARRIOR, 2014, p. 1). Topando tudo não sabemos, mas muitas não podem se dar ao luxo de escolher, outras podem não se submeter à essa situação.

Burbulhan et al. (2012) concluíram que prostituição feminina envolve relações entre ela e o cliente em dois planos: 1) o comercial; 2) o intersubjetivo.

No primeiro plano as relações são estritamente comerciais – relativas ao dinheiro pago pelo programa, e no segundo, de caráter intersubjetivo, incluem posicionamentos simbólicos, os quais não estão à venda. Esses dois planos demonstram que o dinheiro, por si, não garante o programa, podendo ser entendido como estruturante apenas das relações externas, comerciais, enquanto que os limites corporais podem ser vistos como estruturantes das relações internas, subjetivas (p. 1).

Nisso compreendemos uma prostituta em seu depoimento, em nossa pesquisa: *“saio com uma “sapata” sim, mas não cobro pelo sexo, só pela dança, já que ela é bacana e quer muito pouco e eu dou além. Ela não vem aqui, mas me telefona tendo me encontrado no facebook. Eu vou, janto com ela, ajudo na*

*cozinha – mas fica sempre evidente que sou prostituta e que gosto mais de homens”.*

Estas reflexões, em uma área pouco estudada, a da prostituta lésbica (ou da prostituta para a cliente lésbica), nos convidam a pensar que o dinheiro pode sim ser o marco do ofício, mas abarca mais redes afetivas que interpenetram corpos, sexualidades, corações e mentes em um híbrido afetivo e cognitivo indissociados.

## **Resultados e discussão**

Com-sentido: A etnografia fenomenológica do lugar (no tempo)

A boate pesquisada está localizada em um bairro de Vitória – ES. Esse comércio público funciona 24 horas por dia, com a realização de shows dançantes e musicais de diversos estilos. Conforme o site da casa, sua proposta é “inovar a noite capixaba, com um ambiente requintado, público selecionado, total discricção e espetáculos promovidos por belas bailarinas”. Há assim a construção de uma idealização, variáveis que se imagina poderão levar o cliente dos serviços para um estado de prazer incomensurável.

Como educadores sociais, de tendência etnográfico-fenomenológica, fomos todas as vezes ao local da pesquisa para observar participativamente os mais simples detalhes, visto que não poderíamos fazer anotações *in loco*, nem fotografar. Ao adentrar o espaço, sempre cumpríamos o ritual de pagar a entrada e cumprimentar os seguranças. Percebemos o espaço físico com pouca iluminação e circundado por luzes negras e vermelhas que desvelavam um espaço singular e diferenciado.

Tradicionalmente, e numa representação social, o vermelho indica sedução, paixão desenfreada e descontrole, e ao mesmo tempo, destempero, rancores, agitações, corpos desvairados, sedentos... E logo na entrada, percebe-se esse clima dúbio e complexo, híbrido: no ar o desejo e o medo. O sexo e a doença: *“Eu vou lá e fico excitado, mas e o medo de AIDS? Nem imagina, mas eu já fiz sem preservativos, na hora é só tesão, mas depois o medo retorna, aquele medo do começo associado com o desejo que eu lhe falei”* (a Depoente).

Todo o desenho da boate está subordinado ao palco onde as moças realizam os shows dançantes, dando assim um sentido da moça ser uma artista, que é de fato: *“Eu me sinto uma daquelas dançarinas do Faustão. Eu penso: eu sou uma profissional da dança, mas no fundo sei da realidade (risos). Eu represento, posso ser uma atriz, mas no fundo sei que não (risos)”* (a Depoente). Ser aqui é viver “na corda bamba” com “os pés à beira do abismo”.

O palco é dividido em dois, um principal que é maior em forma de retângulo e o segundo que é menor e que fica um pouco mais alto que o primeiro, tem forma de retângulo também e ao centro possuiu uma barra circular vertical, na qual as mulheres fazem números sensuais de “*pole dance*”, (dança da barra) “que é uma arte muito difícil” (a Depoente).

Fernandez (2017) ensina que,

O pole dance por muitos anos ficou conhecido apenas por ser uma dança sensual praticada em casas de show por mulheres para satisfazer fantasias masculinas. Muitas vezes misturava-se o pole dance com a prática de strip-tease, mas essa técnica ganhou mais espaço e seu significado não se restringe só a isso na atualidade. O pole dance significa dança com o poste, que literalmente os movimentos descrevem exatamente essa prática. A técnica necessita de um mastro feito de metal e os movimentos e danças usando o corpo em equilíbrio e desafiando a gravidade são feitos com ele (p. 1).

A dança em uma barra (poste) é também comum entre michês, ou garotos de programa, que trabalham em boates e/ou “em casas que não são de Irene” como detectou Pinel (2004; 2005):

O rapaz está de sunga curta e se contorce no poste ou na barra vertical, gesticula, desvela-se sexuado anjinho ou promíscuo – depende do comprador dos seus encantos. Trata-se essa barra, ao meu parecer, de algo representativo do órgão sexual masculino duro, grosso e grande que o macho o contorna, pega, estimula, esfrega – esfregação de um grande pênis contra o outro do humanóide. Uma idealização, um mistério do desejo – o ‘despir’ desenfreado sentido à meia luz (PINEL, 2005, p. 111).

*“Não sei por que, mas homens e mulheres ficam doidos quando eu faço pole dance, eu me vendo”* (a Depoente). Diz Galeano (1994) que “o corpo é um negócio” (p. 138), mas podia ser alegria de uma boa festa, mas não, pode infelizmente ser culpa (religião) e/ou máquina (ciência), completa o poeta.

Todo palco é circundado por mesas com cadeiras de cor vermelha que oferecem uma visão privilegiada do que ocorre e possui uma iluminação

especial com luzes de diversas cores e canhões de iluminação – “*aqui é lindo, não é?*” (a Depoente). Um espaço de escape de um cotidiano cansativo, repetitivo. A luz, assim como a maquiagem dos corpos desnudos – tudo uma representação, parece-nos. Pinel (2004; 2005) percebeu que pessoas em prostituição de rua, algumas delas, preferem ficar debaixo de marquises, pois estando naquele espaço associado à luz que advém dos postes da rua, produz uma maquiagem no corpo todo: “*Vende-se uma fantasia, um sonho*” (p. 22).

Assim a prostituta Maria Adélia (por exemplo, uma invenção aqui-agora) não é Maria Adélia (que geralmente já tem um outro-outro nome), sendo aquilo que o cliente cria em sua mente, para dar encaminhamento ao desejo dele de prazer sexual – e que elas também podem sentir: “*Muitas vezes eu tenho também, mas não sempre – na maioria do encontros eu minto*” (a Depoente).

Por toda a boate existem mesas com cadeiras mais distantes em locais reservados para aqueles que desejam manter maior discricção e também “ficar” com as dançarinas. O local conta com um bar, caixa, um pequeno mercado e uma *lan house* que possuiu computadores conectados à internet: “*Tudo aqui é comércio, lucro, money, bufunfa (risos)*”(a Depoente).

Foi fácil constatar, ao longo da noite, a presença de muitos estrangeiros, especialmente quando observamos seus traços físicos, as linguagens e em comum, os corpos desejantes: olhos puxados e corpos franzinos, normalmente típicos de asiáticos, o que nos fez ficar curiosos para saber suas nacionalidades. Ao mesmo tempo foi possível escutar suas falas. Há um discurso tenso dentro da boate: “*A gente abre o bico falando e contando vantagens, muita coisa de homem macho, sabia? Tenho carro, sou isso, sou aquilo... A puta vai com quem pagar mais, mas acreditamos que é preciso lábia*” (um cliente).

Outro dado observado foi a grande interação que existia entre os estrangeiros e funcionários da casa. Eles não eram tratados apenas como clientes, mas como se fossem amigos de todos, o que contrastava com a formalidade dispensada no atendimento aos brasileiros, que na representação pode significar pagar menos: “*Eles são de fora e ganham da gente. Trazem dólar*” (um cliente).

Percebemos então que existia, ainda que verbalmente, uma parceria entre boate, taxistas e os possíveis clientes – um jogo do capital que impactou na produção da subjetividade. Funcionava da seguinte forma: os taxistas estavam sempre informados sobre navios que atracassem no porto de Vitória-ES. Posteriormente se dirigiam até o porto para buscar os estrangeiros, que nas corridas pediam para serem levados aos locais de divertimento, entretenimento. O contato que os taxistas mantinham com a boate os fazia levar os “gringos” para lá. No fim, todo mundo ficava satisfeito: clientes que se divertiam com shows e programas sexuais, taxistas e boates que recebiam um consumidor de seus serviços disposto a pagar, em muitos casos, o que fosse necessário.

Há assim essa rede de contatos que facilita a vida do estrangeiro que como os nativos, é prehe daqueles que “pagam o amor a varejo”. O sentido de ser sendo do poder junto ao outro no mundo aparece como um pequeno exercício desse poder que leva o homem ao apoderamento de desejar e cumprir seu papel de sentir-se extasiado, relaxado e com isso partir para o real.

Procuramos nos comportar o tempo inteiro, não apenas como pesquisadores, mas também como consumidores comuns dos serviços oferecidos pela boate, e desta forma, bebemos cervejas e refrigerantes, por exemplo, e também acompanhamos de perto os shows dançantes da nossa depoente. Sentimo-nos respaldados em Perlongher (1986; 1987) que em seu famoso estudo antropológico (participativo) intitulado “O Negócio do Michê”, sobre rapazes que se prostituíam, utilizou inclusive os serviços sexuais desses moços – ele comprava os encantos dos prostitutas e muitos de seus dados emergiram daí desse lugar de ameaça às pesquisas mais quantitativas e preconizadoras de neutralidade científica plena.

As noites seguiam e numa delas resolvemos dar uma volta pelo espaço ao entorno comunitário para observar detalhes, descrever o clima, um estilo, um espírito cultural – conversarmos para compreender esse todo que marca os ensinamentos-aprendizagens da *pole dance* e da construção de uma Pedagogia Social.

Entramos no mercadinho e vimos que ali eram vendidos artigos para o dia a dia, como chinelos, bebidas, cremes para a pele, desodorantes, preservativos etc. Vende-se de tudo um pouco para atender aos clientes estrangeiros, e é comum as prostitutas dizerem o quanto fazem pra agradá-los. Não são apenas elas. Interessante foi notar que os preços desses produtos, em alguns casos, eram quase três vezes superiores aos comprados fora dali.

Ao ver também a *lan house* concluímos que a casa era toda pensada para atender especialmente os estrangeiros e isso se confirmou depois que conseguimos conversar com a Depoente: “*Vendemos tudo aqui pra qualquer pessoa, mas os estrangeiros não ligam em pagar mais*”.

Dançarina, atriz... profissões respeitadas

Ficamos boa parte do tempo pensando em como abordar uma daquelas mulheres para conversar e obter informações – a nossa Depoente. Fellini (1957) abordou a prostituta de sua época, Cabíria, uma mulher que sonhava com o casamento formal, para então sair do ofício. De fato, ela nos parece (ainda hoje) uma mulher em busca da respeitabilidade que a sociedade lhe deve, mas que cobra caro para que isso aconteça. O seu show de dança é na rua – espaço em que prostitui - e o faz ao som de um mambo, tendo um rapaz (Prostituto? Amigo? Cafetão?) que a acompanha. Não dança necessariamente pra seduzir, mas seduz, pelo menos aos espectadores dessa película italiana. Ingênua a personagem.

Após assistirmos mais um show dançante real, a moça que o fez, sentou-se um pouco próximo de nossa mesa e aproveitamos a oportunidade para conversar. Segue um relato da conversa tal qual aconteceu, pelo menos em nossa memória.

Por questões éticas vamos chamá-la de a Depoente – mas avisamos ao leitor, que o nome dado não corresponde à certidão, e mais, essa nomeação muda de acordo com o clima e os pagamentos em dinheiro, e como vimos, os pagamentos simbólicos também, que são mais raros, disse a Depoente.

Ela veio da cidade do Prado/Bahia em busca de oportunidades de trabalho para ajudar sua família. Tem duas filhas e separou-se recentemente. Quando chegou ao Espírito Santo teve dificuldade para encontrar trabalho, e

conseguiu apenas aqueles que ofereciam remuneração muito baixa, *“algo em torno de um salário mínimo mensal” (a Depoente)*. Ela concluiu o ensino médio e, como não conseguiu um trabalho que atendesse as suas expectativas, acabou aceitando integrar o grupo de dançarinas da referida boate, onde atua há um ano.

Conforme informações, ela e as outras mulheres trabalham seis dias por semana das 19h00min às 02h30min da manhã, podendo permanecer na casa, caso queiram, após esse horário. Todas elas se hospedam em um espaço único pertencente aos donos da boate e pagam aluguel mensal: *“Eu sinto que é algo de exploração. Ele é dono, e nós pagamos um aluguel. Um dia terei meu canto” (reflete a Depoente)*. No caso dela, por existir muitos problemas de inveja entre as garotas, decidiu locar um quarto para morar sozinha: *“É muita competição, brigas...”*. Por que as brigas? São íntimas, e muitos homens jogam umas contra as outras: *“É comum a gente repetir a mesma garota e criar um estranho vínculo, onde conversamos e ao mesmo tempo transamos com outras e acabamos, como em qualquer grupo, contando casos que acabam funcionando como fofoca. Falamos com uma que a menina é gordinha, e ela conta pras outras até chegar na obesinha... (risos) Elas não contam que eu gostei muito, mas apenas que é gorda, algo que a perturbará” (um cliente)*.

Dentro do trabalho que realizam estão incluídos shows dançantes (*striptease*) em que elas se despem totalmente ao som de músicas selecionadas – descritas como sensuais. Também há prestação de serviços sexuais (programas) aos clientes, sendo que para isso elas alugam os quartos da própria boate, pagando até R\$ 60,00 (sessenta reais). Caso algum consumidor deseje um show especial de alguma das dançarinas, terá que desembolsar R\$ 60,00 (sessenta reais): *“Dinheiro compra o que quiser amante, amigo, homem ou mulher”* diz a canção citada na epígrafe desse artigo.

Um caso diferenciado é uma cliente que recebe – *“ela é sapata (...) quase um homenzinho”* (fala sem rir). *“Ela vem em horário alternativo na boate, e ela me prefere, e sempre danço pra ela. Ela não quer nada, além disso – pelo menos por enquanto (risos)”*. *E se ela desejar além? “Pagando, vou numa boa” (a Depoente)*.

Em relação ao valor dos programas, a Depoente relata que uma hora com ela custa R\$ 130,00 (cento e trinta reais), porém diz que *“cada dançarina cobra um valor diferente, mas o mais barato é mesmo o preço que eu faço”*. No depoimento relatou que *“todas as meninas da casa não gostam de realizar programas com brasileiros porque eles insistem em pechinchar um valor menor do que o cobrado, além de serem muito exigentes, chatos, arrogantes, metidos”*.

A preferência são os “gringos”, principalmente “os filipinos e indianos que não se importam com valores e pagam o que for necessário caso gostem de alguma das mulheres”. A depoente também relata algumas dificuldades que enfrentam quando fazem os programas, destacando *“homens violentos, homens com odor forte, que não são atrativos e outros sob efeito de entorpecentes”* (faz careta).

A depoente contou que o máximo que fez em uma noite foram dois programas, mas que algumas meninas chegam a fazer até quatro. Ela nos disse também que em um mês bem trabalhado pode receber entre R\$ 3.000,00 (três mil reais) a R\$ 4.000,00 (quatro mil reais), mas que *“esse valor varia muito, dependendo do movimento na boate”*. O clima advindo do vermelho e o preto predominante da boate (uma construção social, história e cultural dessas cores) são postas naquela arquitetura como produtora da subjetivação desejo, potência: *falus* para vangloriar o homem. Mulheres desejando *falus*, mas cobrando por eles: *“mas podem desejar sapatas”* e nesse sentido ainda não há nada que as prestigie, mas a figura masculina, que atrairia talvez ao transhomem.

Há um *falus* do/no *pole dance*: a dançarina, que representa um papel, proporciona excitação, mas exige um pagamento por isso: *“Mas teve situação que não pedi dinheiro mesmo, até porque o cara não tinha. Pedi favores”* (a Depoente).

Ela nos conta ainda que algumas mulheres trabalham na casa há muito tempo, uma delas inclusive está lá há 10 anos: *“Ela conhece tudo, sabe do jogo das coisas, mas, algumas vezes, eu a vejo muito desanimada. Ela nos ajuda numa boa! Conversa. Mas aqui cansa, sabia?”*(a Depoente). Muitas dessas garotas conseguiram comprar casas, carros, abrir pequenas empresas, entre outras coisas: *“Nisso de comprar coisas, tem muita fantasia. Assim como se*

*compra, se gasta. Elas compram roupas caras, mesmo sem marca, mas outras compram marcas – ambas são roupas caras. É comum elas se apegarem a um homem que as explore. Tem outras que gostam de ficar ali na beira do precipício, como se isso as excitasse, então juntar dinheiro ao encontro desse outro desejo” (um cliente).*

A dançarina nos disse que sua vontade é juntar uma boa quantia em dois, três anos no máximo, e posteriormente regressar à sua cidade para abrir um negócio e tocar sua vida em família. Com o que ganhou ela diz *“eu tenho ajudado muito meus familiares no pagamento de contas e a compra de móveis e eletrodomésticos” (a Depoente)*. É um ofício então. Um trabalho que lhe rende uma remuneração para viver e ou sobreviver.

Em vários momentos ela reiterou que não gosta do trabalho que realiza e que preferia não ter que fazê-lo, pois sofre muito: *“eu gostaria de um trabalho digno e que reconhecesse que o que eu faço seja visto sem preconceito pela sociedade. Isso humilha, o preconceito diminui a gente, nos joga pra baixo. Ainda bem que a dança é uma coisa já aceita, mas no meu caso eu cobro por isso, caso o homem só deseje a dança, mas ela é um caminho para o sexo. O patrão espera isso: a pole dance como caminho para o sexo” (a Depoente)*.

A jovem descreve um drama que a incomoda bastante: *“meus pais são evangélicos e não sabem da minha profissão (parece entristecida e preocupada). Para eles, eu atuo como garçoneiro em bares e boates de Vitória - ES” (a depoente)*. – mentir e representar (quando dança) aqui se mistura de modo a torná-la entristecida.

A conversa fluía e resolvemos perguntar sobre seu início, neste caso, o primeiro programa. Queríamos saber o que e como é esse fenômeno, essa origem, “a primeira vez”, muito no sentido cultural daquilo que é inesquecível: *“foi difícil, sabe? (diz com simpatia), e a todo o momento eu pensava na minha família e nas minhas filhas. Durante o meu primeiro striptease pensava que eu fazia isso pro meu ex-marido, e eu pensando muito nele. É o que eu consegui fazer no primeiro show na boate. Posteriormente, pela repetição, eu fui acostumando e superando a timidez” (a depoente)*. A sociedade reforça a prostituição, mas ao mesmo tempo desenvolve a culpa. Nem nesse ofício ela

consegue se soltar totalmente: *“Superei a timidez, mas de vez enquanto eu fico lembrando, da minha família, das filhas então nem se fala” (a Depoente).*

Mas se ela tem uma impressão, nem sempre positiva do ofício, diz que *“entretanto tem meninas que gostam demais do trabalho e ficam tristes quando estão envelhecendo, pois a idade é um sinal de aposentadoria (risos) (a Depoente)”*.

A prostituta se entrega a esse clima cultural da boate e da prostituição (o vermelho da paixão e o preto como maquiagem), e se não se entregar em parte de sua totalidade, ela é riscada dessa possibilidade profissional – que em determinados momentos a deixa tensa, triste. Sendo um trabalho sexual, ela vende fantasias ao outro, e de fato ela não é si mesma, mas um-Outro na cabeça daquele que paga: *“é como se eu fosse uma atriz sem fama (risos) da novela da TV (risos mais altos), mas saímos daqui preparadas pra ser atriz – dançarina já somos. Tem uma colega daqui que diz que quando entra aqui, entra pensando que é atriz” (a Depoente).* Ela se respalda em ofícios respeitados pela sociedade, talvez com o único finco de suportar as pressões de existir-se prostituta. Interessante que esses trabalhos, na sua origem, sempre foram associados com prostituição.

Ensino e aprendizagem no streptese: dançarina (e atriz)

E como ela aprende a dançar *pole dance*? Quem a ensinou? *“A gente vai observando umas as outras. Elas mesmas, nossas colegas, são as professoras (risos). E a gente tenta, e errando sempre tem uma que ensina o beabá da coisa” (a Depoente).* Por mais que existam procedimentos de ensino da *pole dance*, ela é de fato aprendida fazendo. E tem um conteúdo, como qualquer trabalho, de *tripalium*. É preciso aprender corretamente não apenas pra entretenimento de si, mas entreter ao outro – é esse o ofício e daí pode vir a lume a cultura subjetiva de ser atriz, de representar (o que não se é) através desse número de dança, atualmente bastante popular na TV nos mais diversos horários, havendo até concursos.

Trata-se de uma aprendizagem para a sobrevivência, e no sentido de viver sobre a vida, já que a Depoente que trabalha nessa boate, destaca a vontade de encontrar um ofício mais digno.

Nessa aprendizagem está envolvida, de modo claro e inequívoco, não apenas a sóbria observação de quem se põe para observar (as próprias colegas que se prostituem), mas uma disposição em pegar o trabalho e fazê-lo, executá-lo. Nesse caso, é uma aprendizagem de ser dançarina (ou atriz, como diz a Depoente). Esse ensino e aprendizagem acontecem dentro do mundo da prostituição e do mundo em geral.

Assim, mais do que dançar, ela interpreta o que não é, mesmo que saibamos que ela não é atriz como formalidade desse ofício. Acreditamos mesmo que a escolha desse ofício traz dignidade ao trabalho e a faz suportar as alegrias, mas também as tristezas de trabalhar, tanto que a Depoente disse que ela poderia ser atriz: “A gente sai daqui pra ser atriz (risos)”, que mesmo rindo (e sorrindo) pontua esse escape que a faz resistente ali naquele espaço sedutor pelo vermelho e preto que contornam corpos e possibilidades.

Ser prostituta, ao ser sendo, junto às colegas, implica nesse mundo já pronto e estabelecido, na maioria das vezes, pautado pelo discurso (e ação) machista, afastar a voz própria de quem se institui naquele lugar (e tempo). E sempre é possível antever resistência das mulheres em prostituição, agindo em oposição ao estabelecido, donde elas inventam e reinventam empoderamento, parece-nos que a Depoente explicita isso sempre.

Aqui, nessa produção discursiva, marcada pelo neobehaviorismo, acerca do aprender (e do ensinar), se reconhece a vitalidade do pensamento no controle de nossos comportamentos, fazendo dele um instrumento adaptativo que aumenta nossa capacidade de enfrentar o ambiente de maneira eficaz.

Esse processo, que para nós é vivido no *in loco*, permite a representação e manipulação simbólica dos acontecimentos e suas inter-relações, representações estas decorrentes também da abstração de propriedades comuns nos objetos e fatos, o que possibilita a economia da organização da

ação adaptativa, ao mesmo tempo em que propicia a generalização desta ação em outros contextos (LARROSA, 2003).

### Uma proposta de Pedagogia Social

Nesse contexto, tanto a pessoa da moça do *pole dance* quanto a boate (e o mundo que a cerca, ou seja, o social, histórico e cultural) se imbricam, indicam motivação para aprender e a demanda de obter eficácia para alcançar os ganhos resultantes.

A Pedagogia Social, e o educador social [ou educadora social], têm adentrado a esses espaços de prostituição com os mais diversos objetivos, desde o de repreender/moralizar, naturalizar indo as melhores perspectivas como a sócio-histórico-cultural e a *queer* (PINEL, 2004; 2005).

Vamos nos focar aqui – e apenas um pouco - nas teorias sociais, históricas e culturais, pensando em Paulo Freire (1921-1997) e numa de suas obras mais raras (e elogiadas) “Paulo Freire & Educadores de Rua; Uma abordagem Crítica” (FREIRE, 1985).

Defendemos aqui uma Pedagogia Social que tem como objeto de pesquisa e de intervenção, a socialização e o que isso tem de reflexões acerca dos sentidos de ser cidadão (ser cidadã). Um “saberfazer” que é uma prática política de problematização de ser do ser humano – e seus modos de ser na cultura junta ao outro – resistindo às práticas policiaiscas. Para isso acreditamos no processo de *conscientização crítica* que a prostituta possa chegar, na *alegria* de conhecer para aprender. Trata-se assim de uma educação libertadora em contraposição à educação bancária que serve à dominação: “a educação como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade [...]” (FREIRE, 1969, p. 24).

Uma Pedagogia Social, trabalhando em espaços públicos, como ruas e boates, precisará articular, não apenas individualmente, mas coletivamente, as prostitutas, favorecendo relações entre elas como pessoas que recriam entre si as práticas de resistência, mediadas pelo mundo, empoderando-as, evocando criticidade: Sou o que desejo ser? Desejo ser o que se determina na

esfera da prostituição? Em sendo objeto, que objeto eu sou? Qual o papel das políticas públicas (ou sua ausência) na constituição da minha subjetivação? Etc.

Nesse sentido de ser (sendo) educador e ou educadora social, demanda-se uma espera de tempo para o surgimento voraz do “*pasmo pedagógico*”, ou seja,

quando ocorrem situações inusitadas e provocativas/inventivas e ou assustadoras/deprimentes, na prática educativa, aparecendo esse *pasmo pedagógico*, algo pautado por um estranhamento salutar que sempre ativa e acorda o educador, levando-o a uma intervenção tecida em grupo, ali mesmo na hora. (...) São práticas educacionais e pedagógicas inventivas e que têm como colaboradores os próprios educandos (PINEL, 2005, p. 74).

A educadora deve estar aberta a isso-de-vivido. “A luta da educadora é caminhar com a educanda - que passa ser a prostituta - no sentido de ajudá-la a tornar-se efetiva, integrante e transformadora, através de uma convivência participativa e questionadora”<sup>8</sup> (FREIRE, 1985, p. 8).

O “*pasmo pedagógico*” em Pedagogia Social não é moralizador e não pretende retirar a prostituta “daquele lugar”, mas é um momento de provocação, da desobediência, do incrementador das práticas educacionais e pedagógicas de resistência contra o estabelecido como verdade única. Nesse processo sentimos que não é uma tarefa fácil (de risco, mesmo), ameaçadora, de ser (sendo) educadora social, por exemplo, de quem explora o “comércio dos encantos sexuais” (proxenetas) – dentre outros.

O corpo, nesse processo, está sendo vivenciado comprovando a indissociação à pele, à alma, à mente, à psicomotricidade, ao organismo: “*cogniçãoafeto*”. O corpo que pode estar reprimido parece demandar soltura e liberdade. A palavra dita acompanha esse corpo, e o corpo fala mais do que as próprias oralizações da prostituta. Uma Pedagogia que não reprima esse corpo, provocando aos muitos modos de ser (sendo) junto ao outro no mundo, experienciando essa liberdade em grupo. Reinventar essa soltura e liberdade pode ser mais uma das atitudes desse professor/educador social. Nisso o

---

<sup>8</sup> Paulo Freire na obra se refere ao menino de rua (termo comum na época), e aqui passamos seu discurso para o feminino.

*Interfaces da Educ., Paranaíba, v.12, n.34, p. 265-292, 2021*

educador viaja em seu corpo, deixando-o ser marcado pelas experiências indissociadas com o educando. Ninguém deveria sair ileso ao encontro humano provocativo.

## Conclusões

O que e como é o ensino-aprendizagem da prostituta no *striptease* do tipo *pole dance*? O ensino se dá pela observação, que valoriza o outro, os outros, conformando uma educação participativa, donde ensino e aprendizagem se imbricam.

Interessante observar que a *pole dance* faz da Depoente uma profissional no mundo das dançarinas – um mundo elogiado pela maioria dominante. Ao mesmo tempo ela acaba criando uma possibilidade de prostituição apenas pela dança, pois o serviço pode abarcar apenas isso. Mas como diz a canção popular, “ela não vive pra dançar, mas dança pra viver”, e no caso, a música se refere - na história - quando cada uma delas tinha um número (escrito em um cartão), e dançar em par significava estar ali com ela um cliente já consumindo – um potencial cliente dos seus encantos.

Como a Pedagogia Social pode comprometer-se - junto às prostitutas - em desenvolver uma educação libertadora (e não moralizadora)? A própria aprendizagem do *pole dance* como parte integrante do *streptease* já nos direciona para pistas de construção de uma Pedagogia Social pelo viés da participação. “A participação enquanto exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania se acha relação direta, necessária, com a prática educativa-progressista” (FREIRE, 2003, p. 73).

Paulo Freire comparece como um pensador preñado de possibilidades para uma práxis criativa – que leva a uma ação transformadora. Não propomos acabar com a prostituição e nem moralizá-la – nunca pensaríamos nisso (ou não deveríamos) - mas tornar essas mulheres mais conscientes críticas de si e com isso incluindo seu corpo – que repetimos é “seu”.

## Referências

- BRAVIN, R. **A produção do corpo feminino numa boate de striptease de Vitória - ES**; estudo do tipo etnográfico. Disponível em: < [http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405737804\\_ARQUIVO\\_ArtigoSeminarioGEPSSRodrigoBravin.pdf](http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405737804_ARQUIVO_ArtigoSeminarioGEPSSRodrigoBravin.pdf) >. Acesso em: 15 de jan. de 2019.
- BURBULHAN, Fernanda; GUIMARAES, Roberto Mendes; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Dinheiro, afeto, sexualidade**: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 17, n. 4, dez. 2012. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722012000400013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722012000400013&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 18 de dez. de 2018.
- CEFAI, D. Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua de Paris. **Lua Nova** [online]. 2010, n.79, pp. 71-110.
- DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro – RJ: Rocco, 1986.
- DAMATTA, R. **A casa & a rua**. 5 ed.. – Rio de Janeiro – RJ: Rocco, 1997.
- FELLINI, F. **Noites de Cabíria**. Itália/França: Produtora Dino De Laurentiis, 1957. Título original: Le notti di Cabiria. Preto e branco. 110 min.
- FERNANDEZ, M. **Pole dance**: origem, significados, benefícios e dicas. Disponível em < <http://lugardamulher.com/pole-dance-origem-significado-beneficios-e-dicas/> >. Acesso em: 15 de fev. de 2019.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- FREIRE, P. **Paulo Freire & Educadores de rua**; uma abordagem crítica. Rio de Janeiro: Lidador, 1985.
- FREIRE, P. **Política e educação**; ensaios. São Paulo: Cortez, 2003.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**; fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2014.
- GALEANO, E. **As palavras andantes**. São Paulo: LPM, 1994.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V.; FEPIPE, J. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

LARROSA, J. (Org). **Psicologia e educação**; o significado do aprender. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2000.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**; a prostituição viril em São Paulo. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERLONGHER, N. **O negocio do michê**; prostituição viril em São Paulo. 30/06/1986. 341 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Campinas, Campinas, 1986.

PINEL, H. **Educadores da noite**. Belo Horizonte: Nuex-Psi, 2004.

PINEL, H. **Apenas dois rapazes & uma educação social**; cinema, existencialismo e inclusão. Vitória: Do Autor, 2005.

SEMPREVIVA, O. F. **Prostituição**: uma abordagem feminista. Disponível em: <  
[http://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao\\_uma\\_abordagem\\_feminista.pdf](http://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao_uma_abordagem_feminista.pdf) >. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

SUNG, J. M. **Economia fetichizada e prostituição**. Disponível em: <  
[http://www.oblatas.org.br/artigos\\_detalhes.asp?codigo=9&categoria=3&subcategoria=2](http://www.oblatas.org.br/artigos_detalhes.asp?codigo=9&categoria=3&subcategoria=2) >. Acesso: em 20 de jan. de 2019.

SWAIN, T. N. **Balizar e naturalizar a prostituição**: violência social e histórica. Disponível em: <  
<http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/172/164> >. Acesso em: 14 de fev. de 2019.

WARRIOR, B. **Com certeza existem**. Disponível em: <  
<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20111219101714AA4SKWR>>. Acesso em: 10 de fev. de 2019.